

## **As Categorias de Tédio e Espanto na Mídia Segundo os Conceitos do Filósofo Vilém Flusser<sup>1</sup>**

Mariane GONÇALVES<sup>2</sup>

Nádia LEBEDEV<sup>3</sup>

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, SP

### **Resumo**

A partir da análise dos vídeos de decapitações divulgados no youtube, pelo grupo terrorista Estado Islâmico, desde agosto de 2014, o artigo visa refletir sobre em quais aspectos a mídia pode provocar um efeito tedioso ou espantoso no indivíduo, tal como caracterizado por Vilém Flusser. Para tal estudo também faz-se necessária a compreensão do Narrador de Walter Benjamin, pois este, perante o horror da guerra se vê incapaz de narrar.

**Palavras-chave:** Estado Islâmico; espanto; tédio; narrador.

### **1. Uma Tecnologia Entediante**

Em agosto de 2014 as pessoas foram surpreendidas com um vídeo de decapitação postado no youtube por um grupo terrorista. O Estado Islâmico<sup>4</sup> percebeu a diferença que seria apenas dizer que tinha decapitado alguém e que continuaria decapitando, ou mostrar, de fato, essas decapitações. Divulgar um vídeo falando sobre seus motivos, fazer a própria vítima falar, e em seguida, espantar o espectador com o impacto que essas cenas causam. Eles perceberam “a confiança no imediatismo da voz e do corpo [que] favorece o testemunho” (SARLO, 2007, p. 19). O aparente “sucesso” do

---

<sup>1</sup> Artigo produzido no programa de Iniciação Científica da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação e submetido à aprovação na Divisão Temática Multimídia (Rádio Tv e Internet), da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Autora. Estudante de graduação do 4º semestre de Comunicação Social – Rádio TV e Internet na FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Email: marigoncalves1@hotmail.com.br

<sup>3</sup> Orientadora. Docente dos cursos de Comunicação Social e Filosofia na FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Email: nadialebedev@gmail.com

<sup>4</sup> Grupo jihadista do Oriente Médio, nasceu como uma ramificação da Al-Qaeda. O Estado islâmico busca expandir seu califado por todo o Oriente Médio. O grupo foi classificado pela Organização das Nações Unidas (ONU), pela União Europeia e pelas mídias do Ocidente e do Oriente Médio como grupo terrorista e é considerado um dos mais perigosos do mundo.

vídeo fez com que a prática continuasse sendo repetida e divulgada. Todavia, com o passar do tempo, pôde-se observar uma mudança nas reações dos receptores – tanto do público, quanto da mídia – tentaremos refletir acerca dessas reações discorrendo sobre alguns conceitos apontados aqui.

A começar, pelo filósofo e teórico da mídia, tcheco-brasileiro, Vilém Flusser, que apresenta-nos em alguns de seus textos as categorias de tédio e espanto com a pretensão de explicar a situação atual de nossa sociedade. Nas situações espantosas, que estão praticamente erradicadas, tudo é novo, portanto, tudo espanta. O indivíduo questiona, intriga-se. Todas as situações são consideradas como “uma aventura” e as pessoas se empenham em desvendá-las. O espanto que as coisas causam suscita vontade de entender aquilo, de questionar, aprender.

As coisas surgem do fundo escuro do nada, são coisas justamente por não serem nada. [...] Toda coisa arrasta consigo o nada do qual advêm, toda coisa rasga a plenitude do ser e abre uma fenda para o nada. Toda coisa revela o nada e é por isso que toda coisa é espantosa (FLUSSER, 2002, p.94).

No entanto, atualmente, ninguém parece se espantar mais. Tudo desperta conformismo, a superficialidade é preponderante (FLUSSER, 2002). E, conseqüentemente, isso não provoca questionamentos em relação a nada. As coisas foram substituídas pelos instrumentos, essa é a situação tediosa. “O instrumento é a coisa domesticada. É uma coisa apreendida, compreendida e ultrapassada pelo homem, uma coisa descoisificada. (FLUSSER, 2002, p.94)”.

Segundo o autor, no mundo tedioso o processo de aprendizagem ocorre, no entanto, sem que a pessoa se dê conta disso. E como na sociedade atual isso acontece cada vez mais precocemente, os indivíduos tratam tudo como instrumentos, prolongações de si mesmo.

Aqui podemos retomar Marshall McLuhan, que define em suas obras, meios quentes e meios frios.

Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição”. Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados. [...] O telefone é um meio frio, ou de baixa definição, porque ao ouvido é fornecida uma magra quantidade de informação. A fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte. De outro lado, os meios quentes não deixam muita coisa a ser preenchida ou

completada pela audiência. Segue-se naturalmente que um meio quente, como o rádio, e um meio frio, como o telefone, têm efeitos bem distantes sobre seus usuários. (MCLUHAN, 2007, p. 38).

Toda essa tecnologia, que temos hoje, aproximou bastante as pessoas, facilita a comunicação e traz diversas possibilidades aos usuários, desconstruiu o que antes era centralizado e unidirecional. Contudo, os meios quentes que, em tese, eram para possibilitar maior participação, foram domesticados e a participação acaba ficando menor. A medida que esses meios quentes vão sendo domesticados e a mídia se torna uma extensão do cérebro – pensa pelas pessoas – vai se perdendo o espanto, deixando de questionar e qualquer mensagem que é jogada nesse meio torna-se uma “verdade”. (MCLUHAN, 2007).

Para Flusser, pode ser denominado como coisa tudo que, de fato, causa espanto. Geralmente situações primordiais, que causam surpresa. Seria como, por exemplo, a chuva vista pela primeira vez, os fenômenos são pensados realmente como fenômenos (do latim *Phaenomenon*, “o que é visto, o que surge aos olhos”), provocam reflexões, indagações sobre o mundo. Em contrapartida, os instrumentos são encarados com total indiferença. A tecnologia, por exemplo, passa a ser pensada apenas como uma extensão do sujeito e os fenômenos da natureza são tratados com absoluto desdém.

É curioso pensar que talvez todos os aparelhos tecnológicos dos quais dispomos foram pensados e criados a partir do espanto. É o questionamento e a reflexão sobre as necessidades da sociedade que faz com que o homem busque conhecimento e aplique-o para o benefício dos indivíduos. No entanto, esses aparelhos, criados a partir do espanto, tornam-se tediosos, as coisas passam a ser encaradas como instrumentos (FLUSSER, 2002).

Mas quando o indivíduo se dá conta desse tédio, ele busca formas de espantar-se novamente. A comunicação, as expressões artísticas em geral, a leitura, a retórica, a convivência com o “outro” são recursos que fazem parte dessa tentativa completamente falha de resgate do espanto. Falha, pois, até mesmo a convivência com um outro ser, de extrema complexidade e com uma vivência de mundo completamente distinta da vivência de si próprio, é vista sem espanto. Não instiga mais.

A coisa seduz, traz à tona diversas dúvidas, e na tentativa de elucidá-las adquire-se cada vez mais conhecimento, já o instrumento banaliza essas dúvidas, torna o conhecimento superficial e, quiçá, desnecessário.

Nesse mundo dos instrumentos situações cotidianas, objetos, fenômenos da natureza, não afetam as pessoas. Isso pode nos provocar alguns questionamentos em relação aos efeitos que a tecnologia tem na sociedade atual.

A filosofia existencial, filha do tédio e neta do espanto, procura descobrir, pela reflexão, a diferença ontológica entre o mundo das coisas e o mundo dos instrumentos. Heidegger diz que as coisas são nossa condição, e os instrumentos nossas testemunhas. Trata-se de um pensamento informado pela língua alemã e dificilmente pensável em português. ‘Coisas’ em alemão são ‘Dinge’ e ‘condição’ é ‘Bedingung’. ‘Instrumentos’ em alemão são ‘Zeug’. Embora não seja possível traduzir a análise heideggeriana, é possível aproveitar-se dela para pensamentos portugueses independentes. (FLUSSER, 2002, p.93).

A internet, por exemplo, nos possibilita acesso a uma quantidade demasiada de informações, sobre diversos assuntos que podem ser acessados facilmente, estão disponíveis a todos e em todos os lugares. Porém, cabe-nos indagar sobre a utilidade dessas informações. Elas, de fato, crescem algo, intelectualmente e socialmente, ao sujeito? Ou são tratadas apenas como instrumentos e não provocam nenhum fascínio nesse indivíduo.

## **2. Estado Islâmico: A Procura do Espanto**

Para pensar sobre isso na mídia, podemos exemplificar com os vídeos das decapitações do grupo terrorista Estado Islâmico. No dia 19 de agosto de 2014 o ISIS divulgou no Youtube o primeiro, do que seria uma série de vídeos que mostravam decapitações de cidadãos em resposta aos ataques americanos<sup>5</sup>. A vítima do primeiro vídeo foi o jornalista americano James Foley, que teve sua tragédia viralizada, e mesmo o Youtube tendo banido os vídeos, eles continuaram sendo espalhados graças ao fácil

---

<sup>5</sup>Nos dias 8 e 9 de agosto, aviões americanos fizeram os primeiros bombardeios nos arredores da cidade de Erbil, capital do Curdistão, que tiveram como alvo unidades de artilharia e comboios militares do grupo extremista. O objetivo é reduzir o poder de fogo dos terroristas para a reação das tropas curdas, que fazem ofensivas por terra. *Fonte:*<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/avanco-jihadista-fez-estados-unidos-voltarem-intervir-no-iraque.html>

acesso que a internet possibilita. No dia 02 de setembro a decapitação do jornalista, também americano, Steven Sotloff foi publicada. No dia 13, do mesmo mês, o trabalhador humanitário britânico David Haines também teve sua morte viralizada na internet, porém, estas tiveram uma repercussão menor do que o primeiro vídeo, assim como do voluntário inglês Alan Henning, do americano Peter Kassig, dos japoneses Haruna Yukawa e Kenji Goto, estes dois últimos já no ano de 2015.

Entretanto, a cada vídeo postado pelo grupo, parece que as pessoas passaram a encará-los, cada vez mais, como meros instrumentos. O número de visualizações caiu e o tempo dedicado pelas principais emissoras da mídia tradicional ao assunto também diminuiu consideravelmente. Na tentativa de retomar novamente o espanto que os primeiros vídeos causaram, o grupo sunita passou a publicar vídeos ainda mais cruéis como o publicado em 03 de fevereiro de 2015 onde o piloto jordaniano Moaz al-Kasasbeh é queimado vivo dentro de uma jaula, logo após esse vídeo, no dia 22 de fevereiro o grupo mostrou o mesmo sendo feito com outras 43 pessoas. Eles também publicaram a decapitação de 21 cristãos egípcios com o título “*Uma mensagem firmada com sangue para a nação da cruz*”. Ultimamente, eles começaram a usar crianças em seus vídeos, Muhammad Musallam, árabe israelense acusado de espionagem foi executado com um tiro por um garoto que não aparenta ter mais de 14 anos, no dia 28 de março nove crianças aparecem decapitando nove xiitas na Síria, e no mês seguinte, no dia 19 de abril foi divulgado um vídeo de 29 minutos que mostra a execução de 28 cristãos etíopes, 12 homens morrem com um tiro na cabeça e são feitos *inserts* de outros 16 homens sendo decapitados em uma praia, fazendo referência aos cristãos egípcios. Depois de diversos outros vídeos, no dia 23/06 um vídeo ainda mais cruel foi publicado em um site jihadista e replicado por vários outros sites, no vídeo de 7 minutos 16 homens acusados de espionagem são mortos de três formas, um grupo é afogado em uma jaula, outro grupo é explodido em um carro e o terceiro grupo tem explosivos presos em seus pescoços.<sup>6</sup> A tentativa de espantar é visível, porém, ao que parece, não está mais funcionando, o espanto dá lugar, cada vez mais, ao profundo tédio.

Segue abaixo, uma tabela que demonstra como, realmente, a cada vídeo, as visualizações, em geral, decrescem. Foram utilizados o número de visualizações dos

---

<sup>6</sup> Informações até dia 23/06/2015.

vídeos que foram postados no Youtube e a quantidade de notícias relacionadas pelo Google ao nome de cada vítima.

DATA DA PUBLICAÇÃO DOS VÍDEOS	VÍTIMAS	VISUALIZAÇÕES <sup>7</sup>	
		YOUTUBE	GOOGLE
19/08/2014	James Foley	1.717.592	97.100
02/09/2014	Steven Sotloff	1.535.324	20.600
13/09/2014	David Haines	1.520.803	33.000
03/10/2014	Alan Henning	251.016	15.200
16/11/2014	Peter Kassig	252.921	9.800
24/01/2015	Haruna Yukawa e	51.265	6.200
30/01/2015	Kenji Goto		12.400
03/02/2015	Moaz Al-Kasasbeh	36.497	1.610
15/02/2015	21 cristãos egípcios	-	2.810
22/02/2015	43 pessoas queimadas	-	1.310
10/03/2015	Muhammad Musallam	5.299	2.340

Houveram algumas dificuldade na coleta desses dados, pois nem todos os vídeos foram publicados originalmente no mesmo lugar, alguns, foram postados em contas do Twitter, por exemplo, mas com a viralização disso, vários sites de notícias e usuários comuns acabam postando no Youtube, que foi escolhido como a fonte desses dados por possibilitar com facilidade a consulta do número de visualizações de cada vídeo. No vídeo do primeiro decapitado, encontramos facilmente o material original, mas em outros, como é o caso de Muhammad Musallam e dos japoneses Haruna Yukawa e Kenji Goto, encontramos no Youtube apenas notícias sobre as ações do Estado Islâmico contendo imagens ou apenas trechos do vídeo original, que pode ser encontrado em outros sites mas que não conseguimos contabilizar as visualizações. Procuramos utilizar

---

<sup>7</sup> Dados de 28/05/2015.

sempre os vídeos que não tenham comentários da mídia, mas na impossibilidade disso, em alguns pegamos vídeos de caráter noticioso como da CNN e do Daily News.

### **3. Narrador**

Com todo o avanço tecnológico a partir do século XX esse bombardeio de informações substituiu de certa forma, o costume de narrar. A rapidez tecnológica provocou a efemeridade das histórias, uma recusa cada vez mais evidente de criar e reproduzir longas narrativas.

Ela [a narrativa] traz sempre consigo, de forma aberta ou latente, uma utilidade. Essa utilidade pode consistir por vezes num ensinamento moral, ou numa sugestão prática [...] de qualquer maneira, o narrador é o homem que sabe dar conselhos ao ouvinte. Mas, se ‘dar conselhos’ soa hoje como algo antiquado, isto se deve ao fato de as experiências estarem perdendo a sua comunicabilidade. (BENJAMIN, 2012, p.216).

A informação possui a mesma efemeridade característica do nosso momento tedioso. De certa maneira, ela auto explica-se. Já a narração é carregada de personalidade, o narrador diz de si e o ouvinte é realmente acometido pela história contada, ele se espanta. “A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. No entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações (BENJAMIN, 2012, p. 219).” Portanto, quanto mais informações o sujeito recebe, menos informações ele, de fato, absorve.

#### **3.1 Narração Midiática**

Hoje em dia, tem-se a impressão de que esse “papel” de narrador está sendo passado inteiramente para os meios midiáticos que tentam suprir, aparentemente em vão, essa necessidade. O autor diz de dois tipos de narrador, o marinheiro comerciante e o camponês sedentário. O primeiro seria alguém que viaja a procura de histórias então possui sempre um vasto repertório para entreter e dar conselhos aos seus ouvintes, já o segundo não sai de seu lugar, sua cidade ou seu país, mas por conhecer os costumes locais, as tradições e as pessoas dali, também tem narrativas tão válidas quanto as do marinheiro.

E a mídia tenta justamente ser esses dois tipos de narrador, o que conta a história local e o que traz a história de longe, como as decapitações do Estado Islâmico, situação deveras distante da nossa, mas com essa efemeridade já citada e essa maior predisposição à informação ao invés da narrativa, parece que as pessoas vão perdendo o interesse cada vez mais rápido pelas histórias de longe, por mais espantosas que elas sejam. Isso talvez ocorra, justamente pelo imediatismo que há na informação, e que não há no saber que vem de longe, “seja espacialmente, das terras estranhas, ou temporalmente, da tradição” (BENJAMIN, 2012, p. 219). Além disso, Benjamin diz também da dificuldade de narrar o horror da guerra, portanto, como narrar uma decapitação? Benjamin relata que o que foi escrito no pós-guerra de 1914-1918, era distinto do que foi mesmo vivido, eram informações e não narrações. As pessoas que poderiam narrar, ou seja, os sobreviventes da guerra, estavam mudos. O horror os calou, tornou o fato inenarrável. Podemos supor que isso tenha acontecido por se tratar de corpos, corpos espantados. Pois, os meios tecnológicos não são passíveis de espanto por si só, o horror das decapitações não cala a mídia, não torna o fato inenarrável. Mas, mesmo assim, a narração está se tornando cada vez mais incomum. Talvez isso se dê mais pela perda do interesse das pessoas e pela impessoalidade das histórias contadas pela mídia do que pela incapacidade de narrar. “Quando a narração se separa do corpo, a experiência se separa de seu sentido” (SARLO, 2007, p. 27).

“A narração da experiência” nos diz Sarlo (2007) “está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado.” Mas a mídia e a tecnologia tornam essa presença quase que totalmente dispensável. Não precisamos ir até o Oriente Médio para observar essas decapitações, podemos ver em qualquer lugar. Não precisamos, nem sequer, ter o trabalho de ir procurar informações sobre o que vimos, o próprio youtube já lista os próximos vídeos que poderão ser interessantes e sanar possíveis questionamentos que tenham surgido. Mas o problema é que tudo isso ocorre superficialmente, parece que quanto mais informação absorvemos, mais anestesiados ficamos.

Logo, de um lado, temos um grupo que busca chamar a atenção do mundo para si, e faz uso da internet para dar publicidade a sua causa. De outro, vemos pessoas “encantadas” com cenas de violência, que procuram por isso, real ou ficticiamente.



Entretanto, há um rápido desinteresse, as buscas são altíssimas no início, mas caem bruscamente com o passar do tempo, como demonstra a tabela anterior – do 4º vídeo em diante (Alan Henning) o número de visualizações passa a ser bem menor, o primeiro vídeo (James Foley) chega a ter um número de visualizações 10 vezes maior que o de Alan Henning. E, por fim, mediando isso tudo temos a mídia, que inicialmente mostra repetidamente isso aos seus receptores/usuários/telespectadores/ouvintes/leitores, mas esse conteúdo também passa a ser menos divulgado com o passar do tempo.

A eficiência comunicacional de um evento (mesmo violento) qualquer tende a decrescer com o tempo. Afinal, o “*show* tem que continuar”. É a promessa da mídia de oferecer de forma incessante atrações excitantes ao público que leva as pessoas a comprar jornais e acompanhar os telejornais. Por isso, os produtores de acontecimentos, mesmo violentos, são obrigados a aumentar a dose de ataques, mortes e destruição ofertada aos jornalistas à medida que o desinteresse pelo “espetáculo” aumenta. (WAINBERG, 2005, p.20).

Quando os vídeos surgem, trazem consigo uma narrativa, o espanto por ver algo que não é comum, e a surpresa pela crueldade dos autores do vídeo. Constrói-se uma narrativa em cima daquilo, passamos a questionar a autenticidade do vídeo, mesmo ela já tendo sido confirmada pelo Serviço de Inteligência dos Estados Unidos, há várias “teorias” na internet tentando negar que tal crueldade seja verdadeira, notícias sobre os familiares das vítimas e entrevistas com pessoas que já conviveram com eles também passam a ser bastante publicadas, mas quando os vídeos passam a ser vistos como informação, não há mais a construção dessas narrativas, tudo isso deixa de ocorrer. Foram criadas aproximadamente 22 páginas no facebook para homenagear Foley, a primeira vítima, e para registrar a indignação. Já quando procuramos por Moaz Al-Kasasbeh podemos encontrar apenas 2 páginas. E, a ausência da narrativa fica ainda mais evidente se pensarmos nas 43 pessoas queimadas vivas ou nos 21 cristãos egípcios, quem são essas pessoas? Elas não tem nome, idade, profissão ou página no Facebook, apenas fazem parte de um número. A narrativa se transforma definitivamente em informação.

### **3.2 Narração Técnica**

Outro fato relevante é o perceptível aumento da qualidade dos vídeos divulgados. Nos primeiros vídeos podemos observar que eles utilizam mais ou menos

duas câmeras, uma é posicionada em um *plano americano*, para mostrar a vítima e o sujeito que faz parte do grupo, dando um *close*, em alguns momentos, na vítima e deixando ela em primeiro plano. A outra câmera é posicionada em um *plano de conjunto*, as pessoas ficam em primeiro plano, mas pode-se observar bem o cenário, no caso, o deserto. Um corte brusco é feito no momento da decapitação e há pouco movimento de câmera.

Contudo, a retórica desses primeiros vídeos, passado algum tempo, tornou-se repetitiva, o discurso era sempre muito parecido, e a decapitação, que era a principal causa do espanto inicial, não estava mais provocando esse efeito, possivelmente porque os indivíduos estivessem deixando de ser considerados, não havia mais como distingui-los parecia sempre o mesmo vídeo, com a mesma vítima e os mesmos motivos. Se todos os vídeos realmente continuassem espantando, quando saísse a notícia do último decapitado seríamos acometidos pela lembrança de todos os outros, um por um. Mas isso não acontece, percebemos que a mídia apenas ‘amarra as duas pontas’, a do presente e a do passado, sempre anuncia o caso mais recente e cita o começo da história, apenas as primeiras, ou mesmo, a primeira vítima (SARLO, 2007). Houve então, a necessidade de fazer ressurgir o espanto, e o bom uso das imagens poderia ser eficaz para fazer-se cumprir tal objetivo, pois, como Norval Baitello diz em sua obra *O pensamento sentado*, a imagem “faz presente algo que está ausente [...] é a presença de uma vida após a vida.” (BAITELLO, 2012, p. 85). A partir de então, as decapitações, que já são, por si só, imagens espantosas, passaram a ter maior qualidade técnica.

Nesses vídeos posteriores, pegando como exemplo inicialmente o já citado aqui, intitulado “*Uma mensagem firmada com sangue para a nação da cruz*” podemos observar que um roteiro mais elaborado é seguido, há uma mudança de cenário, o que, até então, era sempre realizado no deserto, nesse vídeo é mostrado na praia, poderíamos até ousar dizer que talvez haja um diretor orientando toda uma equipe de produção. Percebemos, no mínimo três câmeras, sendo, uma delas *câmera alta* ou *plongée*, já no início do vídeo, percebemos um efeito colocado pelo editor, quando as pessoas “somem e aparecem”. A ação é mostrada por diversos ângulos e, além dos dois planos usados também nos primeiros vídeos, neste ainda podemos observar outros, como o *plano médio* (*médium-shot*), o *plano fechado* que enfoca no rosto das vítimas, fazendo-nos

reparar até o sussurro de uma provável oração que um deles faz, e o *plano aberto* (*long-shot*), que podemos observar bem, principalmente nas cenas finais, onde a ambientação é posta em primeiro plano. No vídeo da execução de Moaz Al-Kasasbeh também pode-se observar essa altíssima qualidade, acredita-se que quem filmou, dirigiu e editou o vídeo, que tem diversos efeitos especiais e foi visivelmente filmado com câmeras em alta definição, foi o português Fabio Ricardo Poças, elogiado em uma conta do *twitter* por um líder do Estado Islâmico.<sup>8</sup>

A riqueza visual dos conteúdos [...] é capaz de atrair o público para perto da ação, tornando seu impacto chocante e eficaz. Sua apresentação viva, como numa imagem em *close-up*, ou sob disfarce, como num *long-shot* [...] o primeiro enquadramento é graficamente mais potente que o segundo. Os filmes de ficção sabem explorar com especial riqueza de detalhes os olhos do atacante, a dor da vítima, salientando eventualmente sua alteração física, entre outros artifícios. Tal riqueza gráfica é mais rara no jornalismo, que se inibe em revelar a crueldade dos criminosos em geral e os mórbidos detalhes dos efeitos causados [...]. Seu enquadramento mais polêmico, [...] é o enquadramento retórico propriamente dito dos fatos. (WAINBERG, 2005, p.28).

#### 4. Considerações Finais

Portanto, o que podemos observar é uma divulgação excessiva de imagens espantosas que passaram a ser tediosas, deixando assim de serem absorvidas. “O excessivo passa a ser cotidiano”, Norval Baitello (2014, p. 20) nos explica isso de uma forma bem esclarecedora:

Em vez de democratizar o acesso à informação e ao conhecimento, tal reprodutibilidade fez muito mais esvaziar o potencial revelador e esclarecedor das imagens por meio delas próprias e seu uso exacerbado e indiscriminado (Ibidem).

A própria mídia também parece cometer esse excesso, o que gera cada vez mais essa evidente superficialidade. Essa aparente falta de profundidade faz com que a mídia consiga produzir mais notícias e imagens em um menor tempo, e assim, ‘satisfazer’ as pessoas que também adquiririam bastante conhecimento em pouco tempo, porém, na prática, não é isso que estamos percebendo, ao que parece esse conhecimento está esvaecendo cada vez mais rápido.

---

<sup>8</sup> [http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content\\_id=4554158](http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4554158).

Talvez realmente tenhamos entrado na modernidade líquida que Zygmunt Bauman explica “Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos. Assim, toda a questão se reduz a isto: pode a mente humana dominar o que a mente humana criou?” (BAUMAN, 2000, p.7). Nada conserva forma por muito tempo, o conhecimento passa a ser demasiadamente efêmero. A facilidade que as redes permitem de conectar e desconectar a qualquer momento é justamente o atrativo da sociedade atual (BAUMAN, 2000). Podemos assistir aos vídeos das decapitações, mas assim que desconectamos não precisamos ficar pensando nisso. Tornaram-se imagens tediosas. E, se nem decapitações – mostradas em imagens de altíssima qualidade, muito bem produzidas – espantam mais, fica o questionamento do que poderá espantar as pessoas. E de como a mídia pode retomar esse espanto, pois, qual seria a finalidade da mídia senão espantar?

Segundo o próprio Flusser, esse conhecimento só deixará de esvaecer rapidamente quando voltarmos a questionar, e a encarar tudo como *coisas* e não como *instrumentos*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **Pensamento sentado**: Sobre glúteos, cadeiras e imagens. Editora Unisinos, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** – Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- DICIONÁRIO **latim-português e português-latim**. 3. ed. Porto: Porto Editora, 2008. 620 p.
- FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- MARCONDES FILHO, Ciro (org). **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e terror**: comunicação e violência política. São Paulo: Paulus, 2005.

## WEBGRAFIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Terrorista português faz vídeo de propaganda para Estado Islâmico**. Disponível em:  
<[http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content\\_id=4554158](http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4554158)> Acesso em 28 de junho de 2015.

PORTAL G1. **Avanço jihadista fez Estados Unidos voltarem a intervir no Iraque**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/avanco-jihadista-fez-estados-unidos-voltarem-intervir-no-iraque.html>>. Acesso em: 14 de junho de 2015.

YOUTUBE. **Alan Henning Speech Before Isis Killing [Beheading Not Shown]**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=ZQ1Q47j5prs&bpctr=1435440122>> Acesso em 28 de junho de 2015.

\_\_\_\_\_. **Breaking: Isis terrorists behead British Hostage, David Haines (Video)**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=X0wakoYkFFc&bpctr=1435523317>> Acesso em: 28 de junho de 2015.

\_\_\_\_\_. **Isis claims to behead American journalist Steven Sotloff**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=BahnhltnJI0>> Acesso em 28 de junho de 2015.

\_\_\_\_\_. **Isis Terrorists Behead American Journalist, James Foley**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vsrlgUqD70E&bpctr=1435440118>> Acesso em 28 de junho de 2015.

\_\_\_\_\_. **Isis threaten to kill 2 japanese hostages (Kenji Goto Jogo – Haruna Yukawa) – DNS**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=LVy3WEc5uNM>> Acesso em 28 de junho de 2015.

\_\_\_\_\_. **Isis vídeo shows beheading of US hostage Peter Kassig – Islamic State Beheaded American [Full Link]**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=kQ0gLBafWfU>> Acesso em 28 de junho de 2015.

\_\_\_\_\_. **Israeli spy Musallam executed by child, according to Islamic State**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jmmR0H5rWqg>> Acesso em 28 de junho de 2015.



\_\_\_\_\_. **Jordan pilot hostage Moaz AL Kasasbeh ‘burned alive’**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=ArN8VDvzEsY>> Acesso em: 28 de junho de 2015.